



João Leal. As Romarias Quaresmais de São Miguel Fraternidade



FERNANDO RESENDES



FERNANDO RESENDES

“A fraternidade não é um automatismo, uma inevitabilidade da nossa espécie, não é simplesmente ouvir o arquétipo da nossa natureza, é uma construção ética, é uma decisão!”

Cardeal D. José Tolentino Mendonça

“... O conjunto de normas que regulam a Romaria têm no mestre o seu garante. Daí que, como parte integrante dos valores de disciplina que regulam o funcionamento do rancho, os romeiros lhe devam uma obediência sem restrições. Tanto o modo como é tratado — por irmão mestre — como a forma de

saudação que lhe é devida — através de beija mão — acentuam justamente a autoridade investida na sua figura. Ao lado desta forte disciplina, mais auto-assumida do que imposta, o funcionamento do rancho é marcado por uma outra característica central: uma solidariedade muito grande, construída a partir de

ideais extremamente marcados de fraternidade. Esses ideais começam por se expressar no tratamento por irmão prevalecente entre todos os romeiros e no abraço como forma de saudação mútua. Simultaneamente as barreiras geracionais são suprimidas, bem como as diferenças de índole sócio-profissional. A inter-ajuda é estimulada e o ênfase é posto num relacionamento baseado na harmonia.

E a este respeito significativo que, caso participem na Romaria duas pessoas eventualmente «desavindas» entre si, elas sejam obrigadas a um pequeno ritual de concórdia. Esse ritual é descrito da seguinte forma na

regulamentação eclesial da Romaria: «*Se acontecer de alguns ranchos se encontrarem pessoas inimigas ou rivais, o Mestre no primeiro escampado tocará a campainha para o rancho e chamando os desavindos, à vista de toda a comunidade, convidando-os a abraçarem-se cordialmente, fê-los caminhar lado a lado durante a viagem e dormir na mesma casa, para que a amizade volte a reinar entre eles*» (cf. Regulamento..., 1962:41).

Estes ideais de fraternidade são fortemente valorizados pelos próprios romeiros e constituem mesmo um dos motivos mais fortes de atracção do ritual. De facto, para a grande

maioria dos romeiros, a Romaria, além da sua vertente propriamente religiosa, representa também uma espécie de momentânea imersão num mundo onde as diferenças e os conflitos estão banidos, um mundo onde prevalece um relacionamento social ideal que é explicitamente contraposto à vida de todos os dias...”

in, “*Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*” Instituto Nacional de Investigação Científica — Centro de Estudos de Etnologia

JOÃO LEAL
ANTROPOLOGIA SOCIAL — ISCTE

Fotografias de Luiz Ferreira



Singular experiência de fé



LUIZ FERREIRA

Pe Luis Leal

dessa semana. Talvez em nenhum outro local tenha encontrado essa genuinidade e um condensado catequético vivencial do ser cristão.

A Romaria ganha essa genuinidade quanto mais se permite que ela seja uma verdadeira vivência de piedade e de fé. Para tal, é necessário que seja acompanhada e alimentada de uma sã espiritualidade cristã. De igual forma, é importante que as tradições se procurem manter sem as aprisionar excessivamente a uma regulamentação incompatível com a sã criatividade da caridade impressa na piedade popular. Do mesmo modo, tal como é importante o papel de coordenação e orientação dos diferentes grupos e do movimento para que se viva a autenticidade e originalidade das Romarias Quaresmais, é igualmente importante que não se caia no perigo etnográfico e cultural desenhado de uma original experiência de fé e radical espiritualidade.

A autenticidade da piedade popular e, por conseguinte, das Romarias Quaresmais, joga-se no campo do cumprimento de uma tradição secular, mas com a elasticidade às alterações que



FERNANDO RESENDES

naturalmente acontecem com as mudanças de cada tempo.

A verdadeira sabedoria da piedade popular consiste em viver um mesmo ímpeto de fé e de expressões de fé herdadas, mas sem se cristalizar num passado que já não é vivido. Esta experiência tenho-a vivido no meu rancho e por isso mesmo tem sido tão importante para mim fazer em cada ano a Romaria, pois torna-se um verdadeiro retiro espiritual onde bebo essa herança de sabedoria da fé e confronto com aquilo que sou e que vivo no meu quotidiano. A Romaria dá-me a possibilidade de me encontrar com Deus no silêncio dos passos ao lado dos irmãos, abnegando o meu ritmo e acolhendo a diferença de quem comigo caminha. A Romaria permite-me perceber que todos os conhecimentos teológicos adquiridos na catequese e no curso universitário de Teologia só têm sentido quando vividos e na simplicidade e concreto da nossa existência. A Romaria aju-

da-me a elevar-me ao nível de um irmão sem estudos e a perceber que o meu grau académico Altos Estudos Académicos não me traz mais qualificações para testemunhar a fé. A Romaria abre-me os horizontes de uma Igreja não de padres, mas de cristãos. A Romaria possibilita-me a ter, como pregadores deste meu retiro, homens que falam muitas vezes sem eloquência de palavras, mas com a sabedoria de quem se deixa tocar por Deus.

A Romaria também nos possibilita, a mim o tem feito, descobrir a importância da falta e da necessidade. Na Romaria temos de deixar em casa muitas coisas importantes, uteis e que nos fazem falta. Temos de deixar a família, temos de deixar o conforto e comodidades a que estamos habituados. E essas faltas ao longo de uma semana fazem-me perceber o quão importantes elas são e de como tão pouco as valorizamos. Mas obriga-nos também a deixar a rotina quotidiana e a deixar cair a capa do

“politicamente correto” para sermos autênticos, até nas emoções. Por vezes a Romaria faz-nos perceber a importância que essa semana tem no meio de 52 semanas num ano. A sua falta, a impossibilidade de fazer uma romaria deixa um vazio, deixa-me incompleto. É essa a experiência que estes dois anos de 2020 e 2021 nos está a permitir que façamos. As vezes é importante parar para percebermos o dom que temos com as Romarias e não o aproveitamos como devíamos, seja a nível individual, seja coletivo. Que este tempo de paragem nos ajude a viver melhor as Romarias Quaresmais com a sabedoria e intuição que herdamos dos que nos precederam na fé e nestes passos, não para que elas tenham uma mera continuidade no tempo antropológico e patrimonial, mas para que outros possam ter a alegria do encontro com Jesus como nós o fazemos em cada Romaria. ♦

Pe LUIS LEAL

D. José Tolentino Mendonça

“Acredito que aquilo que se experimenta num lugar elitista, nobre, como aquela biblioteca, se pode experimentar no lugar mais pobre, na margem mais miserável do mundo, porque o maior milagre é ver acontecer a vida. O maior milagre é poder servir a vida, e muitas vezes a vida na sua fragilidade, na sua contradição. Esse é o espetáculo mais divino que os nossos olhos podem ver.”

Entrevista a Ana Catarina André, Rádio Renascença, 2019

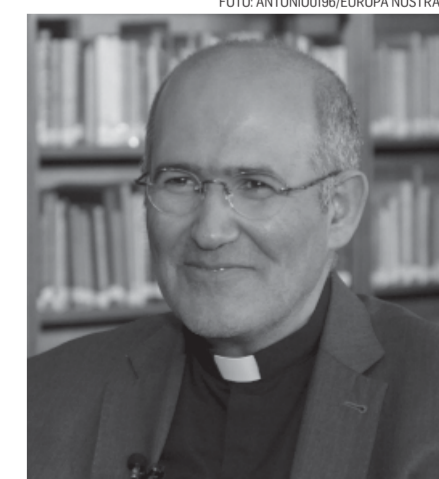


FOTO: ANTÓNIO196/EUROPA NOSTRA